

# PONTE DO SUICIDAS

**David Coutinho**

Estou caindo vertiginosamente.

Bem, eu gostaria que isso fosse uma metáfora. Aliás, não gostaria. Se eu realmente quisesse que fosse uma metáfora não teria me atirado dessa ponte. A história da minha vida começa no dia da minha morte, ou devo dizer: no dia em que optei por morrer. De qualquer modo, me atirei. Como se atiram roupas sujas no cesto. Como se atiram papéis amassados no lixo. Estranhamente, minha vida não passou diante dos meus olhos naqueles minutos derradeiros que precedem a queda. Perdi algumas horas no que, para os transeuntes, parecia um homem romântico vislumbrando o nascer do sol, quando na verdade eu me questionava sobre a “ponte dos suicidas”.

Não sei se eu disse, mas a ponte de onde saltei tinha esse nome, algo que, diga-se de passagem, era bastante irônico, já que aquilo era um viaduto e não uma ponte. A diferença entre as duas eu realmente não sei dizer. Já me disseram inclusive que viaduto era uma espécie de ponte. No meu íntimo, chamavam aquilo de ponte só pela leveza estética e pela sintonia mórbida que tinha com a morte. Imaginem “viaduto dos suicidas”, não soa legal. Nenhuma história escreveu que, depois da morte, atravessaríamos um viaduto para outro plano. Na falta de ponte, no máximo se falou por aí de um barqueiro que levava as almas para o outro lado.

Como podem ver, perdi algum tempo me questionando sobre o nome. O nome para mim é uma coisa muito importante. Eu podia esquecer muitas coisas, seja pagar as contas, levar o cachorro para passear, alimentar os peixes, molhar as plantas, mas nunca esquecia um nome. Talvez o fato de não ter cães, peixes ou plantas tenha contribuído para aguçar minha memória nominal. Acerca das contas, bem, isso é verdade, sempre esquecia. Eu me perguntava como seria a vida depois

do meu fim. Digo, depois do fim daquilo que era físico em mim, pois creio que as memórias resistiriam um pouco mais no tempo. Será que alguém se importaria em saber que o trânsito engarrafado nessa estreita ponte teria sido causado pela morte de um insignificante desconhecido? Pensando bem, acho que é muita pretensão pensar que minha morte sequer resultaria num trânsito engarrafado.

Se eu tivesse escrito um livro sobre minha vida, o título seria exatamente esse “num trânsito engarrafado”. Coincidentemente, foi num trânsito engarrafado que eu conheci Vitória. Eu estava passando exatamente por essa ponte. Havia passado por ela tantas e tantas vezes, mais vezes talvez do que tivesse visitado o túmulo dos meus pais ou dado algumas poucas moedas para qualquer pedinte na rua. Alguns talvez digam que morri tão novo, outros dirão que foi crise da meia idade, seja como for, aquela ponte inane estava na minha vida por mais tempo do que qualquer pessoa que eu conheci. Fazia três meses que eu pensava em dar um fim na minha existência. Eu não escreveria carta de despedida, nem comporia uma canção.

No dia exato dos três meses que me atormentava esse pensamento, decidi como faria. Por motivos óbvios, tinha de ser naquela ponte. Nela já se tinha a estigma, o karma, os mais crédulos e inocentes pensavam até que era um tipo de ponte amaldiçoada. Algumas dezenas de mortes voluntárias foram contabilizadas ali. Sobre as outras dezenas ninguém soube o que dizer. No dia exato em que decidi como faria, adiei por mais três meses o ato derradeiro. Enquanto eu não passava de 10 km por hora naquela ponte. Enquanto o sol batia cruel no meu lado do carro. Foi nesse momento, nesse “enquanto” que não se pode descrever, que conheci Vitória.

Nem a Odisséia de Homero, os amores mal resolvidos do mal do século ultra-romântico, ou todas as Julietas de Shakespeare diriam tanto ao meu coração como disseram aqueles grandes cabelos ruivos e enrolados de Vitória. Ela era ninfomaníaca e estava ali para chorar a perda de seu último amante. De acordo com a carta deixada, ele havia optado pela morte, pois não agüentava mais as longas e

implacáveis sessões de sexo com Vitória. Tentei consolá-la, expliquei-lhe sobre o fastio pós-coito e que talvez houvesse alguma verdade nas últimas palavras do falecido. Duas horas depois estávamos transando, num sexo vigoroso e suado. Eu nunca tinha gozado tanto em toda minha vida.

Talvez a eminência da morte tivesse alguma influência nisso tudo, afinal todo sexo parecia o último e nós não tínhamos limites. As marcas pelo corpo eram as últimas cicatrizes que eu levaria e deixaria nesse mundo. A sucessão incondicional de orgasmos que ela tinha adiou meus planos de morte por três meses. O sexo voraz, extenuante, cheio de porradas, gritos e lençóis sujos me restituiu a vida por mais três meses. Ironicamente, pelo mesmo motivo, o outro rapaz havia pulado da ponte por causa disso. Ele tinha 33 anos, um dado que me fez repensar minha vida 33 anos antes daquele momento.

Devo começar dizendo que menti sobre a real importância que dou para os nomes. Era sempre o contrário, em verdade, eu pagava as contas todas em dia, mas era incapaz de lembrar o nome de uma pessoa que eu tivesse conhecido, sei lá, dois dias antes. Para que se tenha a devida noção, a ninfomaníaca ruiva que me salvou da morte por três meses não se chamava Vitória. Não lembro sequer de ter lhe perguntado o nome, mas se perguntei, não lembro a resposta. Em três meses com ela nunca pronunciei seu nome. O nome Vitória é muito mais antigo em minha vida. Creio, inclusive, que é por causa desse nome e da mulher que o carregava que hoje minha memória nominal para pessoas recentes é bastante prejudicada.

Há 33 eu era somente um estudante. Como todo estudante, estudar não era das minhas atividades preferidas, mas eu até que era popular na minha escola. Eu jogava no time de futebol, tinha conhecidos em todas as turmas do Ensino Médio, participava das festas e sempre era convidado para elas. Em relação às garotas, nada me escapava. Eu chamava a atenção não só pela estética, afinal eu era alto e esbelto, mas também era bastante esperto. Embora não prestasse a mínima atenção nas aulas, sempre conseguia tirar boas notas. Apesar de estar sempre envolvido nos

casos mais polêmicos do colégio, a diretora, inspetores, coordenadores e até professores gostavam de mim. Muitas vezes as punições para mim eram amenizadas e eu nunca soube a razão dessa preferência.

Foi nesse tempo que conheci Vitória. Ela não era aluna, muito menos professora. Vitória era a cozinheira do colégio. Lembro que eu só conseguia vislumbrá-la de longe, limitado pela abertura de um retângulo de pouco mais de um metro quadrado, que fazia passagem como uma janela para a cozinha. Diziam que era bom que a gente visse como nossa comida era preparada, mas naquele quadro pouco maior que uma dessas televisões modernas, só o que víamos eram movimentos descompassados, desajeitados, de cinco e às vezes seis pessoas, numa cozinha em que dois gordos ficariam apertados. Nada tinha graça ali, exceto Vitória. Sempre de roupa branca, avental branco e touca branca segurando seus cabelos, que por oposição divina eram negros. Negros eram seus olhos, os pêlos do seu braço e o princípio de bigode que eram piada entre os outros meninos, mas que eu achava um charme.

Possivelmente Vitória foi uma criança com um parto muito difícil. Em toda minha experiência de vida, percebi que Vitória era um nome dado para bebês que conseguiram superar os altos índices, garantidos por porcentagem e por uma ciência moderna infalível, de morte. Se uma criança, um bebê, era capaz de engabelar toda uma comunidade científica, então seu nome tinha mesmo que ser Vitória. O furor era tão grande que, se fosse menino, chamariam de Vitória. Mas não, ela era mulher, parecia mulher, e eu estava apaixonado. Eu evitava olhar nos seus olhos quando entrava na fila da comida ou na fila do suco.

Certa vez, desajeitado, minha mão esbarrou sem querer na mão dela e tremendo, de tanto nervosismo, derramei o suco de groselha em minha roupa. Fui motivo de enxovalhos pelo resto do semestre, como não poderia deixar de ser. Aliás, eu já estava acostumado aos enxovalhos, afinal, eu jogava bola, mas não era nenhum craque, era sempre o último a ser escolhido. Mesmo assim, somente

depois de muito berrar é que alguém se compadecia e tocava a bola para mim. Do mesmo modo foi com as meninas, eu não sabia o que fazer e quase sempre deixava escapar. Pois é, assim como não tenho uma memória muito boa para nomes, também tenho certa compulsão em enfeitar demais tudo aquilo que eu de fato fui.

A verdade é que eu não fui notado por professores, coordenadores ou diretores. Aqueles que me notavam, outros alunos, em geral era só para ter um alvo de chacota. Isso os enobrecia. Quanto mais fizessem rir os outros às minhas custas, mais adorados e acarinhados eram seus egos, e assim eles podiam se sentir bem conseguem. Eles me faziam mal, mas precisavam de mim, como uma rêmora que acompanha o tubarão. A diferença é que a rêmora não faz mal para o tubarão, mesmo assim vale a metáfora. Eu poderia ter suportado que todos rissem de mim, mas não Vitória. Foi exatamente o que ela fez ao ver minha camisa manchada de vermelho. Penso no trauma que seria se ela tivesse me visto, de repente, trocando de roupa no vestiário. Nunca dei essa chance, nem para ela, nem para meus colegas de classe.

Desde então, nunca mais fui o mesmo. Saltei de relações vazias em relações vazias, às vezes cheias somente de complicações e vazias no resto. Não gravava nomes de pessoas que eu sabia que não mais encontraria. E, se eu encontrasse, perguntava o nome novamente e o processo se repetia. Enquanto todos falavam de viver cada dia como se fosse o último, eu realmente vivia como se fosse o último, mas não me importava que dissessem “que puta vida sem graça essa sua, hein”. Era uma condição da vida, e eu sabia disso, que fosse tão sem graça quanto aquela cozinha do meu colégio. Quem me via também estava limitado a me ver por um metro quadrado.

Não me despedi de Vitória, a ninfomaníaca ruiva que conheci na ponte. Não lhe deixei uma carta, nem mesmo um bilhete. Tomara que ela não pense que me matei porque não agüentava mais transar. Não, não foi por isso. Pulei para saber se o trânsito vai engarrafar. Pulei para saber se olhos curiosos diminuirão a

velocidade. Quem sabe a ruiva não venha aqui chorar por mim e outro cara, outro potencial suicida, consiga sentir um coração no peito antes do fim? De todas as perguntas, nenhuma resposta eu terei, e tudo que sei é que enquanto caía a vida não passou diante dos meus olhos.